

REPENSANDO A ESCOLA NA SOCIEDADE CAPITALISTA A PARTIR DO CASO DO COLÉGIO GOYASES EM GOIÂNIA

Felipe Mateus de Almeida

Doutorando em Sociologia pela UFG
(Universidade Federal de Goiás).

No dia vinte de outubro de 2017 um fato, que pode ser classificado como trágico e chocante, atingiu a cidade de Goiânia e acabou sendo destaque em todo o Brasil.

Um aluno de quatorze anos, estudante de uma escola particular da capital de Goiás, alegando estar sofrendo *bullying* – que podemos definir sinteticamente como uma prática repetitiva feita por um grupo de alunos que visa atingir de maneira física ou psicológica um colega ou uma colega de classe – abriu fogo contra seus colegas de turma, atingindo de maneira fatal dois alunos e ferindo outros quatro¹. A arma utilizada no crime foi uma pistola calibre .40 pertencente a mãe do atirador, que é policial militar.

Após o acontecido, diversas conversas vêm ocorrendo no sentido de se questionar os motivos de tal tragédia. Tem-se levantado as hipóteses de se os pais do atirador podem ter sido negligentes e deixado a arma sob fácil alcance do jovem ou se a

¹Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/estudante-atira-deixa-2-mortos-e-4-feridos-em-escola-de-goiania> . Acessado no dia 24 de outubro de 2017.

escola se omitiu diante dos casos de *bullying* que, segundo o atirador, o levaram a cometer o crime.

O fato é que as causas precisam ser apuradas e não vamos aqui nesse artigo levantar nenhuma hipótese ou acusação contra ninguém, afinal de contas, não atuamos no meio investigativo para tentarmos nos aventurar sobre um assunto tão delicado.

Todavia, esse triste ocorrido nos fez pensar em alguns questionamentos que, a nosso ver, podem ser pensados de maneira sociológica, sobretudo no que se refere ao papel da educação na sociedade capitalista. O *bullying* é um fato isolado ou sua prática é potencializada pelo modelo de sociedade em que vivemos? Quais os mecanismos para se acabar com o *bullying*?

O modo de produção capitalista é responsável por criar uma divisão social do trabalho que, por sua vez, acaba por criar uma divisão de classes sociais onde a classe detentora dos meios de produção (burguesia) excuta um processo de exploração sobre a classe trabalhadora (proletariado), que nada mais tem a não ser a sua força de trabalho.

Para manter-se no topo, a burguesia, através de seus ideólogos, cria discursos e mecanismos capazes de fazê-la perpetuar-se no poder e continuar realizando o processo de exploração. São criadas ideologias – compreendidas aqui como falsa consciência sistematizada, assim como definido por Marx – que são disseminadas no corpo da sociedade através de determinadas instituições, dentre as quais podemos citar o Estado, a igreja e a escola.

A escola, assim como a família, é uma das principais instituições responsáveis por nosso processo de socialização. É na escola que aprendemos de maneira aprofundada nossa língua, estudamos os números e aprendemos sobre nossa cultura e

Revista Posição

sociedade. Por ser uma instituição presente no modo de produção capitalista, a escola também perpassa por essa lógica de dominação e de reprodução do discurso da burguesia, o que acaba transformando-a em uma instituição utilizada para a perpetuação e disseminação das ideologias dessa classe.

Desde quando entramos na escola, somos obrigados a usar um uniforme²; sentar de maneira reta e em fila; realizar exames onde o que é avaliado é a nossa capacidade de decorar e memorizar determinadas fórmulas e discursos, ao invés de aprendermos ou desenvolvermos nossa capacidade de crítica e questionamento; obedecemos a um mestre que tem autonomia para nos reprimir com suspensões ou advertências caso não tenhamos um desempenho satisfatório ou considerado inadequado em sala de aula. Evidentemente que encontramos professores, coordenadores e diretores – em raras exceções – que não compactuam com a maneira de ser da escola na sociedade capitalista, porém, os mesmos estão subordinados a uma determinada lógica de trabalho e, infelizmente, precisam obedecer às ordens e seguir as cartilhas de ensino passadas a eles por seus superiores, pois em caso de desobediência, acabam sofrendo represálias.

Para Marx e Engels (2004), a educação na sociedade capitalista é orientada para atender os interesses do capital, ou seja, ela não é emancipatória, mas pelo contrário, é alienante. A educação para esses autores não deve ser vista de maneira isolada, ou seja, é preciso que se pense na questão da educação através da perspectiva da totalidade pois, para eles, a educação não ocorre somente no ambiente escolar, ela está presente e atrelada as demais relações sociais produzidas pelo indivíduo em sua convivência na sociedade capitalista.

² Nas escolas municipais ou estaduais, onde a maioria dos estudantes é de origem proletária, é comum o uso de um uniforme padrão. Nas escolas particulares frequentadas pelos filhos dos burgueses, têm-se uma maior autonomia com relação ao uniforme, que fica restringido, na maioria das vezes, apenas ao uso da camiseta da escola, ao invés de se ter que usar uma calça ou uma bermuda que também contenham o símbolo da instituição, como ocorre em boa parte das escolas municipais e estaduais.

Revista Posição

Nesse sentido, podemos afirmar que a educação na sociedade capitalista, através da escola, deve ser vista como um processo social capaz de reproduzir ideologias que perpetuam e disseminam os interesses da classe dominante. A escola nos prepara e nos treina para o mercado de trabalho através desses mecanismos de controle e avaliação que reproduzem a disciplina, a hierarquia e a ordem em uma empresa. Além disso, a pressão por notas altas e destaque no ambiente escolar – que muitas vezes são premiadas com medalhas e certificados de mérito – nos lembram o sistema de bonificações de uma empresa, onde o funcionário chega ao seu limite físico e psíquico para ser o melhor do seu grupo.

A escola e a educação, a partir dessas práticas, são responsáveis pela reprodução dos valores axiológicos, que devem ser compreendidos como “(...) aqueles valores que correspondem aos interesses da classe dominante e, portanto, servem para regularizar as relações sociais. Eles “transformam em virtude”, aquilo que é para reprodução de uma determinada sociedade de classes, uma necessidade” (VIANA, 2007, p.34). Os valores axiológicos são os valores da classe dominante e representam às necessidades, anseios e vontades dessa classe que acabam sendo universalizados por conta de ideologias que legitimam os interesses dessa classe dominante através de instituições e representações sociais, artísticas e culturais. Competição e individualismo são valores que estão presentes no cotidiano da escola.

A partir disso, alguns alunos, por se sentirem muito superiores por obedecerem todas as normas da escola e serem sempre elogiados e outros por se sentirem inferiores por não concordarem ou simplesmente não conseguirem se enquadrar em um modelo educacional exigido por sua instituição escolar, acabam ficando isolados ou sendo alvo de provocações dos colegas, muitas vezes por inveja ou por motivos de não se enquadrarem nos padrões estéticos exigidos pela sociedade capitalista – alguns podem

Revista Posição

ser muito gordos e outros podem ser muito magros; alguns podem ser extremamente inteligentes e antissociais e outros terem rendimento abaixo da média e sempre acabarem por fazer comentários e terem dúvidas que são motivos de risada pelo resto dos colegas – dando origem ao *bullying*.

O caso ocorrido em Goiânia, dentre os inúmeros que acontecem no Brasil todos os dias, serve de exemplo para sustentar nosso argumento. O garoto que cometeu o atentado era filho de militares, o que já nos faz pensar no controle e na disciplina que esse jovem sofre em casa em relação a seu comportamento e exigência de boas notas na escola. Segundo informações do delegado responsável pelo caso, os colegas chamavam o atirador de “fedorento” e um deles ainda mencionou levar um desodorante para a escola para entregar para o rapaz. Foi levantada a informação ainda de que o autor dos disparos era inteligente e estava se preparando para participar de uma olimpíada ligada a área das exatas.

Essas questões nos levam a imaginar que por não conseguir se entrosar com muitos colegas ou por se sentir inferior aos mesmos por questões estéticas, para além dos episódios de *bullying* que o atirador alegara sofrer, pode ter potencializado, como atitude desesperadora, o acontecimento do ato cometido por esse jovem para com seus colegas de classe.

Sendo assim, podemos afirmar que a escola pode sim atuar no combate ao *bullying*, não através de mecanismos de castigo ou repreensão, mas sim através do debate e do diálogo acerca do *bullying* e suas consequências. É preciso que se abra espaço na escola para que se compreenda esse fenômeno como algo que está para além dos muros dessa instituição, pois ele é ocasionado graças aos valores axiológicos dominantes presentes no seio da nossa sociedade. Pensar em seminários, palestras e eventos que dialoguem com os pais e demais membros da comunidade escolar e da


sociedade em geral, pode ser uma maneira de evitar ou pelo menos de diminuir os casos de *bullying* nas escolas.

Porém, na nossa concepção, isso não basta. Pensar em políticas de combate ao *bullying* é apenas uma parte do problema. É preciso que se reflita sobre como a escola, enquanto instituição da sociedade capitalista, ajuda a reproduzir esse fenômeno através da sua lógica de funcionamento. A escola faz parte das instituições que ajudam a reproduzir as ideologias do modo de produção capitalista, muitas vezes fazendo seus alunos acreditarem em um discurso meritocrático e hierárquico onde vence o melhor e aquele que não consegue alcançar seus objetivos, se torna um derrotado por conta do seu próprio fracasso.

É preciso que se perceba a escola como instituição que muitas vezes potencializa o fenômeno do *bullying*, pois ela não é neutra e reproduz os valores dominantes. Somente com a superação do modo de produção capitalista, suas instituições e seu modelo de sociedade, incluindo a escola e esse modelo de educação hierárquico e meritocrático que fragmenta o saber e não nos ajuda a desenvolver uma inteligência crítica e contestadora, é que poderemos falar em superação do *bullying* e dos demais episódios de violência que vem chocando a sociedade atualmente.

Sendo assim, nesse breve artigo, apresentamos nossa opinião sobre o caso ocorrido em Goiânia, tomando ele como pretexto para uma discussão geral sobre o *bullying*. Evidentemente que o tema não deve se esgotar somente nesse fenômeno, pois acreditamos ser necessária uma reflexão que associe a prática do *bullying* que acontece na escola, como reflexo da violência que ocorre fora dela, ou seja, uma violência extraescolar que possui suas raízes em uma sociedade que vem sendo dominada pela lógica do neoliberalismo e pela competição social, desenvolvendo um mal-estar social que acaba desembocando em problemas como a depressão, o suicídio, o estresse, o

Revista Posição



nervosismo e a ansiedade. Tais problemas podem ocasionar atitudes desesperadoras que, por sua vez, acabam em tragédias como a que aconteceu em Goiânia.

Referências

MARK, KARL; ENGELS, Friedrich. *Textos Sobre Educação e Ensino*. São Paulo: Centauro, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã: Feurbach – A contraposição entre as cosmovisões Materialista e Idealista*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

VIANA, Nildo. *Os valores na sociedade moderna*. Brasília: Thesaurus, 2007.

VIANA, Nildo. Violência e Escola. In: VIANA, Nildo; VIEIRA, Renato Gomes (Orgs.). *Educação Cultura e Sociedade: Abordagens Críticas da Escola*. Goiânia: Edições Germinal, 2002, p. 115 – 143.